



MULHERES E BULLYING: UMA TRAMA “SECRETA” QUE AOS POUCOS SE REVELA NOS AMBIENTES DE TRABALHO

Bruna Meurer, Marlene Neves Strey (orientadora)
PUCRS, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia
Mestrado em Psicologia Social

Introdução

O *bullying* no local de trabalho é um fenômeno que nas duas últimas décadas assumiu um interesse crescente da comunidade científica internacional. O *bullying* envolve atos, palavras, comportamentos prejudiciais, intencionais e repetidos contra uma pessoa. Pode ser praticado de diversas maneiras e através de diferentes meios. Assim, o abuso do poder de forma repetida e sistematizada por um longo tempo (aproximadamente seis meses), constitui-se a principal característica do *bullying* no local de trabalho (Leymann, 1992). Pode ser considerado como um comportamento resultante das atuais exigências impostas às organizações pela globalização. Essa forma de violência ocorre sem distinção de sexo nos locais de trabalho, mas segundo a literatura adquire algumas especificidades, que supõem um risco adicional às mulheres em função de toda uma historicidade atrelada à dominação masculina nestes espaços (Moreno *et al* 2005). Nesse contexto, adotar-se-á, neste estudo, uma abordagem que considera os fatores organizacionais e psicossociais como fundamentais para a compreensão desse fenômeno. Além de um conceito de gênero, pautado em autoras pós-estruturalistas, como Judith Buther. Esse modelo tem sido fortemente defendido por Leymann (1992) que considera que os fatores de personalidade são irrelevantes para o estudo da violência psicológica no trabalho. Diante de tais posições, não há como precisar o perfil do assediador, mas, neste estudo, mostrar-se-á através de um olhar psicossocial, que à própria conjuntura do trabalho atual, somada à crise ética social, e pelo desgaste psicoemocional, são fatores que aumentam adoção desses comportamentos hostis.

Objetivos e Metodologia

Este texto tem por objetivo analisar em que medida o *bullying* afeta a saúde física e psicológica de mulheres trabalhadoras e quais aspectos poderiam estar relacionados. As participantes deste estudo são mulheres com idades acima de 21 anos, residentes na cidade de

Porto Alegre. A seleção das entrevistadas foi realizada através da técnica *Snowball Sampling* (amostragem por bola de neve) que tem sido amplamente utilizada para se ter alcance as populações de difícil acesso, e teve como ponto de partida as referências feitas por psicólogas e administradoras. O delineamento dessa pesquisa foi qualitativo e a coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas. Após a transcrição, estas foram submetidas à Análise de Discurso. Utilizar-se-á, nomes fictícios para garantir o sigilo das participantes.

Resultados e Discussão

Com o intuito de proporcionar uma apresentação parcial dos resultados, destaca-se, que os discursos aqui apresentados, fazem parte, de apenas um recorte dos dados encontrado nesta pesquisa, haja vista, que não adentramos nos inúmeros outros enunciados de gênero que serão apresentados ao final deste estudo. Através dessas entrevistas, e a partir da análise do discurso, tornou-se possível visualizar que o ambiente organizacional complacente, juntamente com o poder sistemático exercido pelo corporativismo presente nestas empresas, reúne elementos que podem constituir uma propensão para o bullying voltado especialmente ao gênero feminino. Haja vista, como aponta Hirigoyen (2002) o bullying é favorecido em ambientes de trabalho, no quais, não existem regras bem definidas, para comportamentos aceitáveis e métodos, parecendo que “tudo” é permitido dentro da organização. Desse modo, observou-se através dos discursos das participantes, que existem processos que levam à naturalização do *bullying*, principalmente quando este fenômeno acontece direcionado as mulheres. Isso porque, apesar de freqüentes os comportamentos do tipo *bullying* nos contextos de trabalho, estes são percebidos, muitas vezes pelos próprios colegas num contexto de "banalização da injustiça social" (Dejours, 1999) como inerentes ao trabalho no capitalismo globalizado e competitivo e por isso, tornam-se invisíveis, aceitáveis e inquestionáveis, como pode ser analisado no seguinte relato: *“Eles no início, durante vários meses ficavam bem quietos. Pois, eles achavam que não tinham nada a ver conosco, só que o ambiente era o mesmo. Por que no início eles achavam que nós que éramos rebeldes, pois éramos taxados de incompetentes, de incapazes, por que essas coisas eram ditas por ela em reuniões, e todos os dias. E ai eles não nos conheciam, ai eles achavam que ta, melhor não se envolver. Além disso, ela passou a tirar a chefia dos homens e dar só para as mulheres. Eu tenho a impressão que ela se sentia mais a vontade em manipular e torturar as mulheres, e isso passava assim (Verônica)”*. As condições de constante hostilidade, perseguição, difamação, o desgaste psicoemocional e a inexistência de regulação, trouxeram conseqüências

negativas a essas trabalhadoras, tanto na rotina ocupacional, quanto a saúde física e psicológica, como pode ser observado no relato de uma das participantes: “*para mim ir para o trabalho de manhã era uma tortura. E daí essas sensações começam a te acompanhar de manhã, de tarde e de noite, final de semana, e agente não se livra mais daquelas lembranças de humilhação, daquele horror. Eu tive muitas alterações de sono e por fim a depressão. Eu emagreci e perdi a fome. Por vezes ficava apática no trabalho, e não conseguia me concentrar, esperando que logo aquela pessoa poderia aparecer para literalmente me agredir de todas as formas, menos física é claro (Béti)*”. Dentre, outros relatos das participantes, destaca-se a presença de idéias suicidas, síndrome do pânico, chegando até a perda da identidade enquanto trabalhadora. Logo, a procura por auxílio médico e psicológico é relatado por todas essas mulheres após largarem seus postos de trabalho. Desse modo, tendo em vista, os poucos estudos sobre estas duas temáticas, e os limites desta investigação, sugere-se a continuidade dos estudos sobre gênero e bullying para a sua ampliação. Espera-se, contudo, contribuir para a criação de uma maior visibilidade a esse fenômeno, haja vista, que muitas mulheres não têm consciência de que aquilo que experenciam, na realidade é violência, até que sintam seus efeitos daninhos que vão desde sintomas de ordem psicológica até doenças físicas (Burlae, 2004). Além disso, procurou-se chamar a atenção, para a necessidade de um olhar mais psicossocial frente a este fenômeno, que se distancia de alguns estudos sobre bullying, que visam apenas patologizar os comportamentos de vítimas e agressores(as) através da análise de suas personalidades.

Palavras-chave: Bullying, Gênero, Saúde.

Referências

- Burlae, K. K. (2004) The theory of mindful space: Identifying, understanding, and preventing violence. *Affilia*, Vol. 19, Nº 1, p. 85-98.
- DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- HIRIGOYEN, M. F. *Mal-Estar no Trabalho: Redefinindo o Assédio moral*. Rio de Janeiro, 3ª. ed, Ed. Bertrand Brasil, 2002..
- LEYMANN, H. Ways of explaining workplace bullying: A review of enabling, motivating and precipitating structures and processes in the work environment. *Human Relations*, 56, 1213–1232, 1992.